



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

GERALDO VIANA DA SILVA

**VARIACÕES LINGUÍSTICAS NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-LEXICAL: DO
LATIM AO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

CAJAZEIRAS – PB

2018

GERALDO VIANA DA SILVA

**VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-LEXICAL: DO
LATIM AO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS – PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S586v Silva, Geraldo Viana da.
Variações lingüísticas numa perspectiva histórico-lexical: do latim ao português brasileiro / Geraldo Viana da Silva. - Cajazeiras, 2018.
37f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa)
UFCG/CFP, 2018.

1. Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3. Língua portuguesa - história. 4. Português brasileiro. 5. Línguas românicas - formação. 6. Léxicos. 7. Dialectos. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU- 81'27

GERALDO VIANA DA SILVA

**VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-LEXICAL: DO
LATIM AO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em Letras/Língua
Portuguesa do Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina Grande – *Campus*
de Cajazeiras – como requisito de avaliação obtenção
do título de Licenciatura em Letras Portuguesa.**

Aprovado em: 02 / 08 / 2018

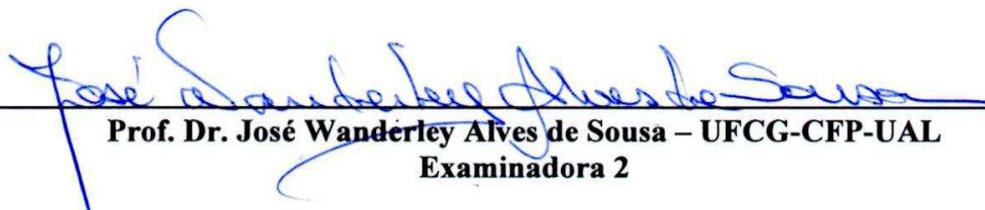
BANCA EXAMINADORA:



**Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva – UFCG-CFP-UAL
Orientador**



**Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira – UFCG-CFP-UAL
Examinadora 1**



**Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa – UFCG-CFP-UAL
Examinadora 2**

Dedico este trabalho aos meus pais por nunca terem desistido de mim, Tomaz Viana e Raimunda da Silva Viana (ambos in memoriam). A vocês minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida motivo maior de minha existência.

Aos meus pais, sem eles eu não estaria nesse mundo realizando esse sonho.

Agradeço aos meus professores, pelo conhecimento repassado durante todo o período do curso, sendo essencial para que chegasse até aqui.

Aos amigos, que de forma direta ou indiretamente me incentivaram a não desistir e continuar na luta para a realização deste trabalho, entre eles agradeço a Ricardo Lisboa, Petrônio Estrela, Ana Maria Alves e Lidiane Pereira.

Aos meus colegas de sala companheiros de luta nessa árdua jornada em especial Ana Maria, Joclécia Gomes e Talita Ingrid, por termos caminhados sempre juntos.

Enfim, agradeço ao meu orientador, Abdoral Inácio, por ter aceitado o desafio de estar junto comigo na missão de tornar concreto esse trabalho.

RESUMO

O estudo das variações linguísticas de um idioma dar-se a partir da sua perspectiva histórica tendo como base a formação do seu léxico. O estado de fala é a forma encontrada para o meio de comunicação e interação entre povos de diferentes raças e etnias. Tais variações ocorrerem em decorrência do uso da língua, a partir do momento em que a mesma é colocada em prática, estará passível de mudanças ocasionando as diferentes variações dentro do mesmo idioma. Assim apresentaremos uma breve história da língua portuguesa tendo como objetivo geral: Analisar as variações linguísticas numa perspectiva histórico-lexical: do latim ao português brasileiro, mudança que ocorre de forma regionalizada dentro do mesmo idioma, e como objetivos específicos: Compreender o processo de formação das línguas românicas ou neolatinas; perceber como se deu a origem da língua portuguesa e do português brasileiro; abordar o estudo das variações linguísticas dentro dos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais. O fato a destacar é que a língua se modifica dentro de seu próprio idioma, sendo possível encontrar para uma única língua vários romances ou dialetos, esses dialetos são frutos de diversos fatores sociais, culturais ou geográficos, sendo comum encontrarmos palavras que possuem significados diferentes mesmo pertencentes ao mesmo idioma. Nossa pesquisa é de natureza bibliográfica tendo como base os estudos de Ilari (1999), Coutinho (2011), Bagno (1999 e 2006), Cagliari (2001), Assis (2014), Perini (2001), além dos PCN (1998). Diante das mudanças e diferenças dentro do mesmo idioma, o trabalho aponta, que o professor de língua materna deve inserir os gêneros textuais no processo de ensino em vez de usar apenas a gramática, visto que não existe um estado uniforme da língua.

Palavras-chave: Variações linguísticas. Dialetos. Romances. Léxicos.

ABSTRACT

The study of the linguistic variations of a language takes place from its historical perspective based on the formation of its lexicon. The state of speech is the form found for the medium of communication and interaction between peoples of different races and ethnicities. Such variations occur due to the use of the language, once the same is put into practice, will be subject to changes causing the different variations within the same language. Thus we will present a brief history of the Portuguese language with the general objective of: Analyzing the linguistic variations in a historical-lexical perspective: from Latin to Brazilian Portuguese, a change that occurs regionally in the same language, and as specific objectives: Understanding the process of formation of Romance or Neolatine languages; to understand how the Portuguese language and the Brazilian Portuguese originated; approach to the study of linguistic variations within the National Curriculum Parameters. The fact is that the language is modified within its own language, being possible to find for a single language several novels or dialects, these dialects are fruits of diverse social, cultural or geographical factors, being common to find words that have different meanings even belonging to the same language. Our research is of a bibliographical nature, based on the studies of Ilari (1999), Coutinho (2011), Bagno (1999 and 2006), Cagliari (2001), Assis (2014) and Perini (2001), in addition to PCN (1998). In the face of changes and differences within the same language, the paper points out that the mother tongue teacher must insert the textual genres in the teaching process instead of just using grammar, since there is no uniform state of the language.

Keywords: Linguistic variations. Dialects. Novels. Lexicons.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 PERSPECTIVA HISTÓRICA DO LÉXICO.....	11
3 A FRAGMENTAÇÃO DO LATIM EM DIALETOS	14
3.1 O SURGIMENTO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS	18
4 O PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	22
4.1 VARIAÇÕES LEXICAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	26
4.2 O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PERSPECTIVA DOS PCN....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

O uso da língua, seja ela escrita ou falada, sofre mudanças e transformações ao longo do tempo e da história, pois a língua está em constante uso e o por isso vulnerável a todo tempo ser modificada com o surgimento de novas palavras que passam a fazer parte do nosso léxico. A partir deste ponto ocorrem às variações linguísticas dentro de um mesmo idioma, variações linguísticas são, portanto um dos aspectos apresentado na língua dentro de um idioma falado por um determinado grupo de pessoas.

Essas variações possibilitam a formação de novos léxicos dentro da língua fazendo com que as mesmas modifiquem-se e passem a fazer parte do vocabulário de um idioma. Isso ocorre, pois a língua é viva e multável praticada todos os dias por falante de diferentes regiões geográficas que em contato com novos povos passam a adaptar as palavras para uma melhor comunicação.

O fato é que desde sua origem o nosso idioma sofreu mudanças até chegar ao ponto em que hoje o conhecemos. Tais mudanças ocorreram ainda na sua origem mais remota, época do império romano em que o latim, nossa língua mãe, deu origem ao conjunto de línguas românicas ou neolatinas passando pelo processo de transformação no léxico. Dentro do próprio império existiam duas variedades de língua, de um lado o latim clássico de outro o latim vulgar, este último praticado com mais facilidade e pela grande maioria da população.

Vale salientar que não se trata de dois idiomas, mas uma variedade linguística, dois dialetos, formas distintas de falares dentro de um único idioma: o latim. Tais fatores que contribuíram para essa variação serão apresentados nos capítulos seguinte deste trabalho. De antemão apontamos como fatores de mudanças dentro do idioma o próprio fato da língua se adaptar para melhor comunicação dos falantes e a grande extensão territorial. Em se tratando do império romano um dos fatores que mais contribuíram foram a expansão e conquistas de novos territórios e povos, que já tinham seus próprios dialetos, isso vai ocorrer com Portugal e conseqüentemente com o Brasil.

No decorrer da história vamos perceber que um idioma já nasce da fusão de vários dialetos, falados pelo mesmo povo. Estas variações são inevitáveis, pois tem sua origem da língua falada, pelos fatores ora mencionados.

De acordo com Ilari (1999), durante esse processo de expansão e de conquistas de novas terras e povos, o império romano ia agregando novos costumes, cultura e línguas, e evidentemente ocorrendo mudanças que com o passar do tempo foram tornando-se significativas no processo de transformação da língua românica.

Nesta direção o presente trabalho é destinado a docentes formados ou em formação servindo de reflexão acerca dos acontecimentos que possibilitaram o surgimento da língua portuguesa. Para isso iremos recorrer à história de formação do império romano, através do surgimento do latim idioma romano bem como percorrer todo o período em que a língua sofreu modificações e transformações relevantes até a sua chegada à Península Ibérica, e por consequência originando o idioma português que mais tarde seria transportado para as colônias do reino de Portugal incluindo o Brasil.

Partindo desse ponto nossa pesquisa é de natureza bibliográfica de cunho qualitativo, tendo como base os estudos de Ilari,(1999), Coutinho (2011), Bagno (1999 e 2006), Cagliari (2001), Perini (2001), Assis (2014), além dos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), tendo como objetivo geral: Analisar as variações linguísticas numa perspectiva histórica lexical: do latim ao português brasileiro, mudanças que ocorrem de forma regionalizada dentro do mesmo idioma, e objetivos específicos: Compreender o processo de formação das línguas românicas ou neolatinas; conhecer a origem da língua portuguesa e do português brasileiro; abordar o ensino das variações linguísticas dentro dos PCN.

O nosso trabalho apresenta-se dividido em três capítulos, sendo que no primeiro abordamos a perspectiva histórica da língua, desde o latim idioma romano, suas mudanças fruto do contato com povos de diferentes idiomas, culturas e costumes até sua chegada à Península Ibérica, onde em Portugal vai encontrar os dialetos locais que mais adiante dará origem ao idioma português.

No segundo capítulo mostramos a fragmentação do latim e o surgimento das línguas românicas ou neolatinas, em consequência da fusão dos dialetos regionais fruto do processo de conquistas de novos territórios dentro do processo de expansão do império romano.

Iremos ver que o idioma varia de uma região para outra, como também de um país para outro, e que fatores de ordem geográfica, social e cultural também contribuem para essas variantes dentro de um mesmo idioma.

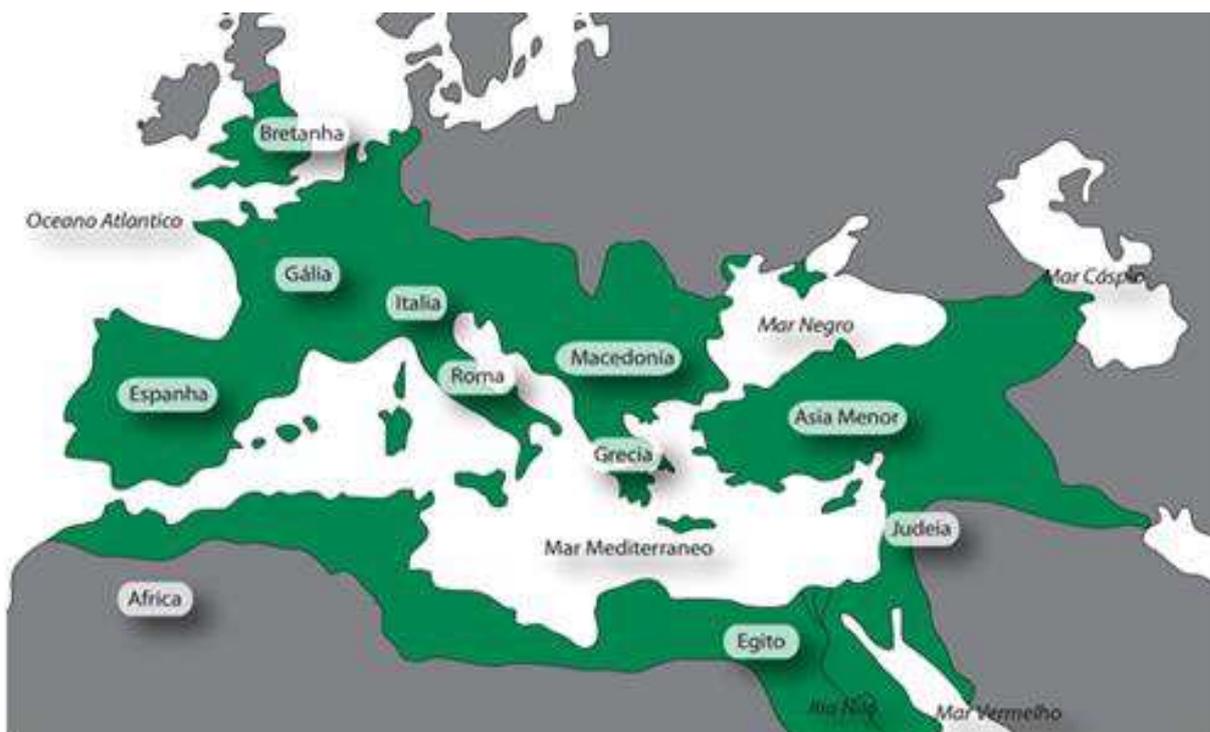
No terceiro capítulo explanamos as diferenças entre o português brasileiro e de Portugal, as modificações dialetais dentro do português brasileiro e sua regionalização, fruto do contato com vários povos de idiomas diversos, além de abordar o ensino dessas variações da língua portuguesa com base nos PCN, que servem como norteadores para os educadores, auxiliando-os como ferramenta e subsídio para um ensino mais dinâmico e eficaz.

2 PERSPECTIVA HISTÓRICA DO LÉXICO

O império romano teve origem no século VIII ou século IX a.C. e engrandeceu-se progressivamente até constituir em sua fase de maior esplendor, no primeiro século de nossa era, com um dos mais vastos impérios de todos os tempos. Obra de séculos, a constituição do império romano foi um processo político de grande complexidade, cuja descrição detalhada cabe, obviamente, à história das civilizações.

Outro aspecto notável da história do império romano foi sua capacidade de absorver outros povos e sua espantosa expansão territorial, ocorrida entre os séculos V a.C. e II d.C.

Figura 1 – Mapa do Império Romano no seu apogeu.



Fonte: GONÇALVES, R.T, 2010, p.21).

Nesse processo de expansão e de conquistas de novas terras e povos, o império ia agregando novos costumes, cultura e línguas, e evidentemente ocorrendo mudanças que, com o passar do tempo foram tornando-se significativas no processo de transformação da língua românica.

As línguas com que o latim entrou em contato por efeito das conquistas, pertenciam a diferentes famílias linguísticas. Ilari (1999), vai elencar essas conquistas e por consequência o contato com idiomas diferentes, dizendo que, na Península Itálica, o latim encontrou o umbro e o osco, línguas próximas, pertencentes ao ramo itálico do indo-europeu. Além delas, encontrou línguas indo-europeias dos ramos ilírico, grego e celta, e línguas não europeias como o etrusco e o lígure.

Nas ilhas italianas, os romanos entraram em contato com línguas que representavam um antigo substrato mediterrâneo, além do grego (indo-europeu) e do fenício (semita).

Quanto às línguas faladas pelo povo da Ibéria não eram indo-europeias (ibero e vasção), exceto na região próxima à França, onde dominava o celtibero.

Idiomas indo-europeus predominavam na França e na Panônia (domínios de celta), e na Ilíria (domínio do ilírico, antepassado do albanês atual também eram faladas línguas indo-europeias na Trácia e na Macedônia; e o grego não só era falado na Grécia, mas predominava em grande parte da Anatólia e do Mediterrâneo oriental, onde, a chegada dos romanos, tinha suplantado os idiomas locais.

A Síria e o Egito falavam respectivamente línguas semíticas e camíticas, tendo grande influência o grego como língua de cultura. Vale ressaltar esse fato, porque nessas regiões, o domínio militar dos romanos também chegou, mas não conseguiu impor o latim como língua predominante, por isso Ilari destaca que:

O latim não suplantou as línguas indígenas em todo o território do Império: impôs-se como língua falada no Mediterrâneo ocidental e na Europa continental, mas esteve sempre em situação de inferioridade na Grécia, na Anatólia e no Mediterrâneo oriental. De certo modo, a divisão política do Império Romano sob o imperador Constantino consagrou uma divisão que já estava completamente consolidada do ponto de vista cultural e lingüístico, ao separar um Estado de fala e cultura latinas e um Estado de fala e cultura gregas. (ILARI, 1999, p. 48).

Sendo assim o latim não conseguiu sua universalização em toda dimensão do império, pois os vários povos, conquistados principalmente na região da Grécia, não o adotaram de imediato o novo idioma. Além disso, o imperador Constantino, por volta do século III d.C., dividiu o império romano em império do oriente e do

ocidente, assim estava consolidado a divisão dentro do idioma um com a predominância das culturas latinas e a outra com as culturas gregas.

Seja como for, o latim, presente nas regiões submetidas numa variedade popular (o latim falado do exército, dos comerciantes e, em certos casos, dos veteranos assentados como colonos), e numa variedade erudita (a variedade escrita dos magistrados, da jurisdição e, até onde está existia, da escola) ia-se impondo como a língua que exprimia uma cultura mais avançada e que abria melhores perspectivas de negócios e ascensão política e social. (ILARI, 1999, p. 49).

O latim sofreu modificações relevantes dentro da própria comunidade de falantes romanos, onde existiam palavras que eram diferenciadas unicamente pelas vogais, que podiam ser longas ou breves, porém no processo de vulgarização do latim os traços fonológicos passaram de três para quatro graus, com isso muitas das palavras perderam ou acrescentaram letras. Ao chegar a Portugal, o idioma Romano que já estava fragmentado devido ao contato com outros dialetos e povos, vai passar por outro processo de transformação quando entra em contato com os dialetos do novo território.

Uma das mais significativas foi dentro da fonética com a perda de oposições de quantidades. O latim clássico caracterizava-se pela presença de cinco vogais podendo ser longa e breve. Essa distinção estava ligada a forma de significado das palavras exemplos: “*Populum* (ó breve) significa povo; enquanto *populum* (ô longo) significa choupo (espécie de árvore). Já o latim vulgar o timbre é quem passou a ser distintivo desaparecendo a duração de pronúncia das palavras” (ASSIS, 2014, p. 120).

Essas mudanças vão se concretizando de forma mais intensa ao longo do processo de expansão territorial do império romano, ocorrendo assim a fragmentação do latim em vários dialetos, que darão origem às línguas românicas, esses processo será abordado no capítulo a seguir.

3 A FRAGMENTAÇÃO DO LATIM EM DIALETOS

A história da formação do léxico da língua portuguesa teve início com os povos romanos que tinham como idioma oficial o latim.

Com os povos submetidos, os romanos adotaram geralmente uma política bastante aberta para a época, impunham o direito romano, exploravam economicamente a região mais respeitavam as tradições religiosas dos vencidos e permitiam que estes continuassem a utilizar a sua língua materna. (ILARI, 1999, p. 48).

Assim os novos povos mantinham seus dialetos, ou seja, sua língua nativa, preservando seus costumes e crenças agregando à língua novas palavras fruto do contato com os romanos.

O dialeto nada mais é do que uma variante do idioma que em determinadas regiões sofrem alterações diversas, assim um mesmo léxico é falado de maneira diferente por um grupo de pessoas, embora pertencente ao mesmo idioma, porém tem o mesmo significado, dando muitas vezes a impressão de falares divergentes entre falante de um mesmo idioma, o que não é verdade, o que ocorre é a variação do léxico dentro do mesmo idioma.

“Um dialeto diz Marouzeau, se define pelo conjunto de particularidades tais que o seu agrupamento dá a impressão dum falar distinto dos falares vizinhos, a despeito do parentesco que os une.” (Lexi, de La Term. Ling. pág. 66 apud COUTINHO, 2011, p.27).

A língua posta em uso pelos falantes é viva no sentido de estar sendo praticada. Ela apresenta-se de duas formas, uma ligada à classificação da sociedade em camadas sociais distintas e outra ligada às regiões as quais determinados grupos de pessoas pertencem, assim, para Ilari (1999, p. 57):

Todas as línguas vivas apresentam naturalmente uma variação vertical (correspondente à estratificação da sociedade em classes), e horizontal (correspondente a diferenças geográficas, além disso, os falantes expressam-se de maneiras diferentes conforme o grau de formalidade da situação de fala).

A língua se transforma de forma natural, pois a mesma é multável, e todos os dias está se modificando de forma espontânea ao ser colocada em prática pelos falantes.

“Não se deve admitir a falsa ideia de que o dialeto seja a corrupção de uma língua. O povo quando modifica o idioma, obedecendo as suas tendências naturais não o corrompe. A língua como tudo na natureza está sujeito a transformações inevitáveis.” (COUTINHO, 2011, p. 27).

O dialeto, portanto, não torna a língua errônea, sem sentido, pelo contrário as mudanças quando ocorrem dentro do mesmo idioma tendem a enriquecer o léxico, uma vez que é inevitável sua mudança, pois a língua, ao ser posta em prática sofre diariamente modificações pelos falantes.

Nesse sentido todo idioma irá, no decorrer do tempo, apresentar suas diferenças, ou seja, a língua colocada em prática irá dar origem a dialetos que nada mais são que uma forma variável da própria língua, por isso uma nasce em decorrência da outra. Assim é possível afirmar que do latim se originaram as várias línguas neolatinas que segundo Coutinho são vistas como línguas, mas por outro lado, em comparação com o latim são apenas dialetos do idioma romano.

Em sua origem toda língua é um dialeto, que por circunstâncias várias, consegue predominar [...]. Língua e dialeto são pois termos relativos. O italiano, o francês, o espanhol, o português, etc. que, tomados separadamente constituem verdadeiras línguas, com relação ao latim não passam de simples dialetos. (COUTINHO, 2011, p. 28).

Assim o latim foi se expandindo ao longo do processo de desenvolvimento do povo romano, com isso ocorreu a variação do idioma em dialetos fruto dessa junção de povos de diferentes classes sociais, cultura e costumes.

O latim língua de uma sociedade que ia evoluindo e se tornando cada vez mais complexa, não poderia escapar a essa regra: seria normal que apresentasse dois socioletos, já que a sociedade romana foi por muito tempo estratificada em patrícios, plebeus e escravos [...]. (ILARI, 1999, p.57).

Dessa forma, a língua acompanha o processo de evolução da humanidade e por isso está mudando diariamente para se adaptar às necessidades de

comunicação entre os povos. Sendo assim já apresentava dentro do império romano duas variantes fruto dos vários povos que habitavam os domínios do império.

A língua é a expressão natural da humanidade usada para comunicar-se entre diferentes povos seja de forma oral ou escrita, por isso a linguagem verbal, ou seja, a fala se constituiu no meio mais importante de comunicação, despertando desde as primeiras civilizações o estudo de filósofos, gramáticos e por últimos linguistas que passaram a estudar o processo de formação e o uso da mesma além das transformações e das variações linguísticas ocorridas ao longo do tempo. Dessa necessidade surgiram às ciências que estudam a língua tanto na modalidade escrita como na modalidade da fala, esta última de forma mais complexa, o que tem gerado várias discussões entre gramáticos e linguistas, pois ao contrário das concepções gramaticais, a língua falada está sempre em constante transformação e aberta ao surgimento de novas palavras que ao longo do uso contínuo incorporam-se no nosso cotidiano e passam a fazer parte do léxico do idioma.

O idioma dos romanos surgiu apenas como latim, porém com o passar do tempo viu-se a necessidade de modificá-lo para atender ao meio artístico surgindo então as diferenças dentro do mesmo idioma passando a caracterizar dois modos de fala, um praticado pelo povo, falado no cotidiano que se tornou popular e o outro usado pela alta sociedade na corte do império e no meio literário assim estava formado duas variedades dentro da mesma língua

A princípio o que existia era simplesmente o latim, depois o idioma dos romanos se estiliza, transformando-se num instrumento literário. Passa então a apresentar dois aspectos que no decorrer do tempo se tornam cada vez mais distintos: o latim clássico e o vulgar. (COUTINHO, 2011, p. 29).

Como já vimos, a origem do nosso idioma provém do latim, língua do império romano falada em Roma. Ao longo do tempo e com o avanço das artes, o latim, passa a ser utilizado de forma literária como objeto de arte e de domínio de poucos, não distante disso a mesma língua se dividia em duas formas de falar dentro de um mesmo idioma, surgindo assim as diferenças dentro da mesma língua falada pelo mesmo povo: o latim clássico e o vulgar dois dialetos um único idioma, assim podemos dizer que a língua se caracteriza em duas modalidades distintas: a língua estilizada com suas regras e normas e a usada falada no cotidiano. Nessa perspectiva Coutinho considera que: “Não eram duas línguas diferentes mais dois

aspectos da mesma língua. Um surgiu do outro, como árvore e semente” (COUTINHO, 2011, p., 29).

Vale salientar que estas diferenças dentro do mesmo idioma contribuíram para a eterna discussão entre gramáticos e linguistas, de um lado estão os que defendem um conjunto de normas e regras que devem ser obedecidos para considerar a língua culta, do outro os linguistas que levam em conta a fala, sem distinção do que é certo ou errado, mais a língua como código de comunicação e meio de interação entre os povos, porém essas diferenças dentro de uma língua não caracterizam como dois idiomas.

Por fim, um idioma, a partir do momento em que surge ele está sujeito a mudanças, ou seja, ele já surge de uma mudança ocorrida que originou um novo modo de fala. Isso ocorreu com o latim dentro do próprio império Romano com as duas modalidades existentes o clássico e o vulgar, portanto ao ser colocado em prática pelos falantes que somos nós, estamos fazendo a mudanças ocorrerem, umas com mais intensidade outras com menos. Isso ocorreu dentro de Roma com a sua própria língua e foi se transformando com mais intensidade ao longo do percurso feito pelos povos romanos na conquista de novos horizontes, absorvendo assim novas culturas e falas de variados dialetos.

Por último quando chega a Portugal o latim que era disseminado desde sua origem era o vulgar, difundido pelo exército que era formado pelo povo, enquanto o latim clássico era utilizado pela corte. Essa variedade do latim trazia consigo toda uma variedade lexical, fruto do contato dos povos conquistados, que ao entrar em contato com os dialetos existentes em Portugal sofreu novamente mudanças até o completo processo de fusão e surgimento do que hoje conhecemos de idioma português.

Esse novo idioma, fruto dessas transformações, é levado às novas colônias portuguesas desde África até a América frutos do processo de expansão territorial de Portugal, perfazendo esse trajeto também vai sofrer modificações que vão se acentuar ainda mais quando entram em contato com os dialetos encontrados no Brasil. Assim inicia-se um novo processo de metamorfose, ou seja, de transformação do léxico, desta vez com o idioma português que vai adquirir novas palavras e uma maneira própria de falar que o diferem em vários aspectos do que é falado em Portugal. Assim deu-se o origem das línguas românicas ou neolatinas, que será abordado com mais profundidade no tópico seguinte.

3.1 O SURGIMENTO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Ao mesmo tempo em que ocorria o processo de expansão do império romano, através das conquistas de novos territórios, também avançava a difusão dos costumes, culturas e, sobretudo a difusão do idioma romano como consequência do processo de colonização e de agregação de novos territórios, assim à medida que novos povos eram conquistados a língua romana, no caso o latim, ia sendo expandida e entrando em contato com outros dialetos nativos de cada país. Esses contatos entre os povos romanos e os povos conquistados faziam com que muita coisa fosse absorvida uns dos outros entre elas a língua. Ocorria assim uma mesclagem de novas palavras que passavam a ser inseridas e incorporadas ao idioma romano no novo território, ou seja, quando uma língua entra em contato com outra língua, naturalmente acaba sofrendo modificações.

Produto de uma contribuição tão variada, em que ao lastro primitivo, de humildade origem rural, se haviam sobreposto elementos diversos dialetais ou de outra procedência, esse latim encerrava já em si o germe da diferenciação que se foi acentuando cada vez mais desde que o adotaram como idioma comum povos tão diversos pela língua e pelos costumes. (COUTINHO, 2011, p. 30-31).

O latim surgido de forma rude e provençal estava se modificando fruto da contribuição do contato com os vários povos, assim o latim depois de ser moldado, sofrido várias transformações agora estava equilibrado consolidado depois de adotado como única língua pelos diversos povos. Nesse sentido, afirma Coutinho: “Foram essas transformações que ele sofreu em cada região, que deu em resultado o aparecimento dos diferentes romances e posteriormente das várias línguas neolatinas” (COUTINHO, 2011, p. 31).

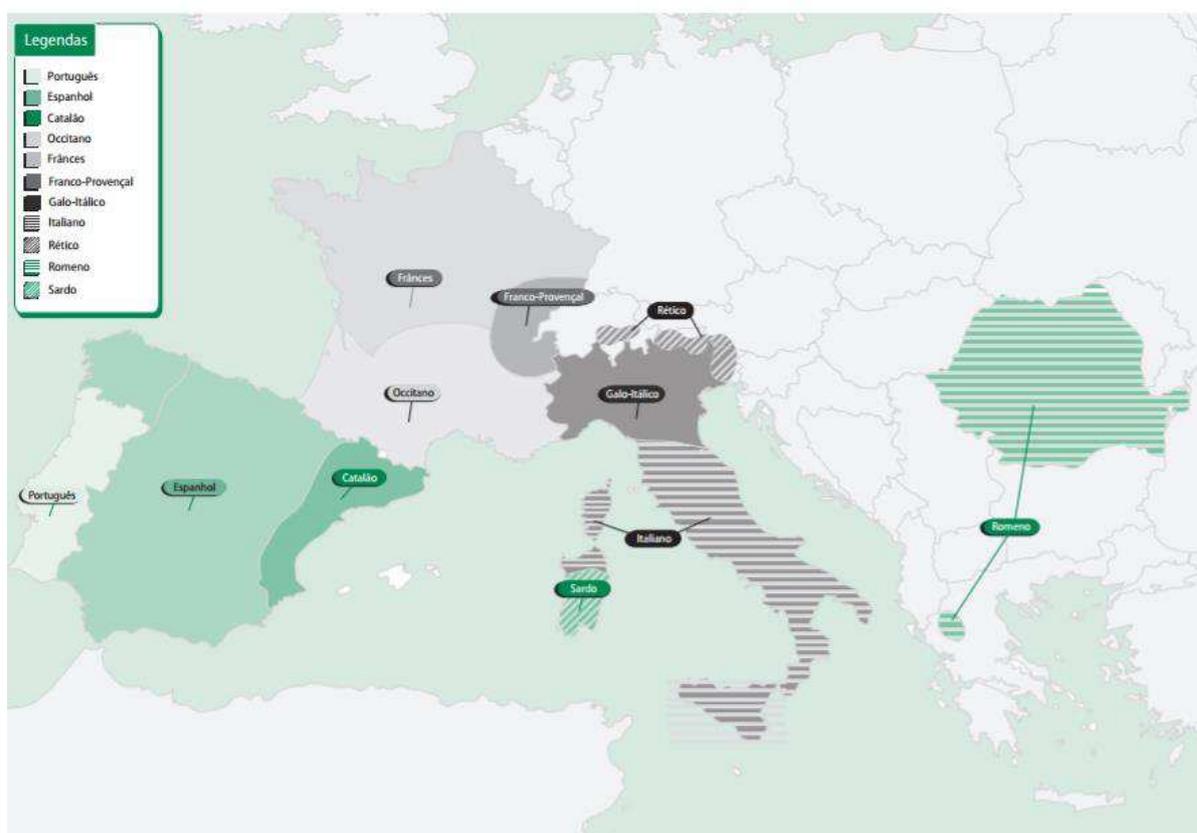
Resultado das transformações ao longo da história, o latim foi cada vez mais se disseminando mundo a fora, e nesse processo de expansão e difusão da língua surgem as línguas românicas ou neolatinas. Essas novas línguas conservam em si traços marcantes do idioma de origem, essas marcas estão presentes em todas as áreas sejam morfológicas, sintagmais ou lexicais. Por isso Coutinho diz que:

As línguas românicas são as que conservam vestígios indeléveis de sua filiação ao latim no vocabulário, na morfologia e na sintaxe [...] há dez línguas românicas: o português, o espanhol, o catalão, o francês,

o provençal o italiano, o reto – românico, o dalmático, o romeno e o sardo. (COUTINHO, 2011, p. 41).

O processo de avanço e expansão do império romano através das conquistas de novos territórios, proporcionou o avanço e disseminação de seu idioma, que em contato com outros povos de diferentes etnias, cultura e costumes, além de dialetos diversos, foi de fundamental importância para o surgimento das línguas neolatinas, que têm em sua origem o latim, idioma romano. Desse processo de transformação da língua surgiu na Península Ibérica, o que hoje chamamos de Língua Portuguesa, fruto da miscigenação e fusão de vários dialetos locais.

Figura 2 - Mapa dos Sistemas Dialetais na România Antiga



Fonte: Adaptado de Ilari (1992, p. 169).

O surgimento dessas línguas não veio direto do latim, elas surgiram como fruto da estratificação do latim, ou seja, das variações que o latim havia sofrido ao longo do tempo, são dessas variações que irão surgir as línguas latinas. Portanto essas novas línguas consideradas do ponto de vista histórico como uma nova variação dos romances regionais já existentes no latim, conforme Coutinho “As

línguas neolatinas não se derivaram diretamente do latim, mas entre aquelas e este houve os vários romances, assim se chamaram as modificações regionais do latim, das quais então as línguas românicas” (COUTINHO, 2011, p. 43).

Como podemos ver a língua desde épocas mais remotas até chegar aos dias atuais está sujeita ao surgimento de novos léxicos, os dialetos ou romances, formas regionalizadas da fala que já estavam presentes no latim, língua falada no império romano que foi se acentuando ainda mais através do processo de expansão territorial do vasto império, e assim chegando a Portugal o latim idioma de Roma, já se encontrava modificado e transformado trazendo traços de novos dialetos que se juntaram ao idioma em consequência das conquistas dos novos povos.

Em Portugal o latim chegou com mais traços vulgares do que clássicos, pois eram propagados pelo exército romano, formado pelo povo falante do latim vulgar que estava à frente das conquistas, e não diferente do que ocorreu com Roma passou a sofrer transformações significativas em contato com os vários romances já existentes.

Antes do estabelecimento do domínio romano na região, os povos que habitavam a Península eram numerosos e apresentavam língua e cultura bastante diversificadas. Havia duas camadas de população muito diferenciadas a mais antiga Ibérica- e outra mais recente os Celtas, que tinham o seu centro de expansão na Gália. Muito pouco se conservou das línguas pré-romanas. Outros povos haviam-se fixado na Península Ibérica: iberos, celtas, fenícios, gregos e cartagineses. (ASSIS, 2014, p. 115).

Dentro do território lusitano existiam outros dialetos sendo dois mais marcantes: o galego- português e o português-arcaico, onde mais à frente unificam-se em um único idioma o Português.

Portugal impulsionado pelo desejo de expandir o território luso inicia o processo de navegação marítima e conquistas de novas terras, como missão de desbravar as mais longínquas terras até então desconhecidas e difundir seus costumes, crenças e idioma, assim coube aos jesuítas a missão de levar os costumes do povo português as mais longínquas terras.

Ao chegar ao Brasil por volta de 1500 encontram aqui povos que habitavam o novo território até então desconhecido para os portugueses, os índios povos nativos que habitavam o Brasil. Os novos povos já possuíam seus costumes, sua cultura e tradição e como idioma vários dialetos próprios, acarretando num futuro não muito

distante na mudança e variação do português onde trataremos no capítulo seguinte, tais mudanças ocorreram e ocorrem até hoje, pois a língua acompanha o processo de evolução da humanidade ela é sempre presente e atualizada sendo a maior ferramenta de comunicação entre os povos.

No processo de modificação em que passa um idioma, vários são os fatores que contribuem para que ocorra essa variação linguística dentro de uma língua, no caso do Brasil, fatores sociais, culturais e geográficos são os que mais contribuem para uma variação linguística tão presente no nosso idioma.

Essas mudanças vão ocorrer e se intensificar com a chegada da língua portuguesa trazida pelos colonizadores, que ao chegarem em solo brasileiro vão se deparar com um grande número de variantes, dialetos falados pelos povos nativos, essas mudanças e transformações serão abordados de forma mais ampla no capítulo seguinte.

4 O PORTUGUÊS BRASILEIRO

O processo de formação do português brasileiro ocorreu com a chegada dos primeiros portugueses, fruto das expedições marítimas em busca de novos territórios. Assim ao chegar às novas terras até então desconhecidas do povo lusitano, os mesmos irão iniciar o processo de colonização do novo território.

Figura 3 – Mapa dos Povos Indígenas encontrados no Brasil na época do descobrimento



Fonte: Disponível em: <http://professor_marciano_dantas.blogspot.com.br/2013_11_01_archive.html>. Acesso em: 07 de agosto de 2018.

A partir de 1500, com a chegada dos colonizadores portugueses ao nosso Brasil, a língua portuguesa foi se difundindo e sendo incorporadas às línguas já existentes em nosso território. Vale salientar que existiam cerca de trezentos dialetos indígenas falados no território brasileiro, e esses dialetos conviveram com o português durante muito tempo até que fosse oficializado o português como idioma oficial do novo país. Neste período a variedade linguística tupinambá (língua dos tupi) que era o dialeto usado na região litorânea, passou a ser utilizada como língua geral da colônia junto com o português com o objetivo de facilitar a comunicação entre índios e portugueses. Isso ocorreu por causa da influência dos padres jesuítas pertencentes à Companhia de Jesus fundada pela Igreja Católica com o intuito de facilitar o processo de catequização dos povos nativos. Aos jesuítas cabia a missão de evangelização, ou seja, de ensinar os povos recém-conquistados as doutrinas da Igreja Católica advindas do império português, com objetivo de transformar os índios em um homem civilizado e cristianizado atendendo as tendências da cultura europeia.

Com o processo de catequização dos povos nativos, os jesuítas seguiam a regra que para um indivíduo desconhecido ser catequizado o processo deveria ocorrer na sua língua materna, por isso passaram a estudar as línguas nativas e a praticarem, enquanto o português era usado pra tratar assuntos da colônia com o império.

O tupinambá, língua geral do Brasil, como foi batizada pelos jesuítas, passa a ser utilizada para facilitar a comunicação entre os nativos e os portugueses, assim o idioma do império tem utilidade apenas para fins de comunicação oficial, documentos, decretos e funções administrativas, nesse momento a colônia vivia uma espécie de bilinguismo.

A história de implantação do idioma no Brasil é dividida em quatro fases que vão desde a chegada dos colonizadores ao novo território, passando pelas imigrações de povos estrangeiros até a vinda da família real para o Brasil, onde será imposto o português como língua oficial brasileira, essas fases apresentaremos a seguir:

Primeira fase chegada dos colonizadores ao Brasil, trazendo assim a língua portuguesa como idioma oficial do povo lusitano Ao chegar encontram mais de trezentos dialetos falados desde o litoral até o interior da Amazônia, como meio de comunicação usaram a variante tupinambá do tronco dos tupi como já fora

mencionado anteriormente. Essa variante tornou-se uma espécie de língua geral da colônia com finalidade de promover a comunicação e iteração entre portugueses e indígenas. Nesse período o Brasil ainda conviveu com um terceiro idioma, fato relevante se dá quando os holandeses chegam a região nordeste e ali se instalam, passando a colônia a possuir três variedades de língua: as línguas indígenas, o Holandês e o Português.

A língua que percorreu um caminho longo, desde as décadas iniciais do século XVI, em que quase ficou relegada ao esquecimento, tanto por causa da indianização do colonizador português, quanto pela concorrência de outras línguas europeias, como o espanhol, o francês e o holandês (VILHETA, 1997 apud ASSIS, 2014, p. 149).

A segunda fase vai da saída dos holandeses do nosso território, onde o português passa a conviver mais confortável, pois não tem a concorrência de outro idioma estrangeiro. Essa passagem dos mesmos em nosso território deixa várias influências na língua colaborando para o processo de variação do idioma. Com a saída dos holandeses no século XVII, passa a ter apenas a língua geral e o Português até a chegada dos dialetos africanos trazidos pelos escravos vindos para o Brasil. Esse período estende-se até a chegada da família real, no século XIX, quando Portugal está prestes a ser invadida pelos franceses, assim a colônia passa a sediar o império, com isso passa a ser restringido o uso da língua geral sendo implantado o português como idioma oficial.

A terceira fase propriamente dita, é a chegada da família real em 1808, quando da guerra com os franceses sentindo-se ameaçados a corte se transfere para a colônia. Com isso o Brasil sofreu mudanças importantes em sua estrutura, o Rio de Janeiro torna-se a capital do império, a criação da biblioteca nacional e da imprensa, além de difundir o uso da língua portuguesa falada e escrita por todo o território, assim mudando radicalmente os nossos costumes e cultura da colônia.

A quarta fase surge com a independência do Brasil e conseqüentemente a oficialização e adoção do português como idioma oficial do país. Nessa fase o Brasil começa a receber um grande número de povos vindos de outros países em busca de uma nova vida no novo território, com isso vai haver uma grande transformação no idioma e o português falado pelos brasileiros se torna cada vez mais diferente do que ora é falado em Portugal.

As variações mais comuns do nosso português brasileiro é a variação diatópica, onde a língua varia de uma região para outra mais conhecida como regionalização ou variação linguística, porém outros fatores, sobretudo sociais de diferenças de classes e escolarização têm uma grande parcela de contribuição para a grande diferença de uso da língua.

Para tais modificações além da diversidade de meio, da extensão territorial e da topografia irregular dos vários domínios somamos elementos importantes no processo de transformação de uma língua. Outras causas costumam ser associadas como: a história, a política, a etimologia, a política. (COUTINHO, 2011, p. 43).

Assim como ocorreu com o latim em Roma até sua chegada em Portugal, no Brasil também ocorreu e ocorrem mudanças no léxico. Com isso há uma diferença visível do idioma português vindo de Portugal que muitas vezes parece estarmos falando outra língua que não o português. Tal mudança ocorre pelo fato de que os portugueses enviados ao Brasil sobretudo os jesuítas, encontrarem aqui vários dialetos próprios falados pelos nativos que habitavam desde o litoral até o interior mais distante. Outro fator é a grande área territorial brasileira de extensão continental, possuindo assim uma grande área fronteiriça com povos de idiomas diferentes, o que ocasiona mudanças significativas pois o Português entra em contato por exemplo com o Francês falado na Guiana ou com o Espanhol falado na Argentina e assim sucessivamente.

Com todas essas mudanças o idioma português desde sua chegada trazido pelos colonizadores até os dias atuais tem feito com que muitos estudiosos defendam a existência de uma língua brasileira, ou seja, o português brasileiro, visto a notável diferenciação que o idioma adquiriu em relação ao europeu.

“Pode se afirmar que o português é o próprio latim modificado” (COUTINHO, 2011, p. 46). Com essa afirmação podemos também dizer que o português brasileiro é o próprio português de Portugal modificado, transformado por vários fatores culturais regionais e étnicos.

Essas modificações fazem parte do processo de variações linguísticas do idioma, assim o português brasileiro vai adquirindo, dentro deste, características próprias que o difere do idioma lusitano, conforme veremos a seguir:

4.1 VARIAÇÕES LEXICAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O português brasileiro apresenta um grande número de variações nas palavras, e essas variações ocorrem por vários fatores como: social, histórico, geográfico entre outros, fazendo com que a língua seja modificada ao longo do tempo e do espaço. Tais fatores associados ao contato com outros povos vindos de outros países trazendo uma grande variedade de dialetos favoreceram para que tivéssemos um idioma tão diverso dentro do Brasil.

O processo de variação linguística ocorre de várias formas sendo classificados em Diafásicas são as variações que se dão em função do contexto comunicativo, isto é, a ocasião determina o modo como falaremos com o nosso interlocutor, podendo ser formal ou informal. Vejamos o exemplo:

E aí, cara, beleza? Tu tá por dentro do dia da matrícula? Tá ligado nesse lance?"

Mas, por outro lado, se for perguntar a uma funcionária, vai falar diferente:

"Bom dia! A senhora poderia me informar quais os dias de matrícula e que documentos eu preciso apresentar?"

Diastrática são as variações ocorridas em razão da convivência entre os grupos sociais. As gírias, os jargões e o linguajar caipira são exemplos desta modalidade de variação linguística. É uma variação social e pertence a um grupo específico de pessoas. As gírias pertencem ao vocabulário específico de certos grupos, como os policiais, cantores de rap, surfistas, estudantes, jornalistas, entre outros.

Diatópicas são as variações que ocorrem pelas diferenças regionais. As variações regionais, denominados dialetos, são as variações referentes a diferentes regiões geográficas, de acordo com a cultura local. Um exemplo deste tipo de variação é a palavra "mandioca" que, em certos lugares, recebe outras denominações, como "macaxeira" e "aipim". Nesta modalidade também estão os sotaques, ligados às marcas orais da linguagem.

Essas variações vão depender do meio em que está inserido a comunidade falante, seja no meio social, no meio regional ou no meio histórico e cultural. Cada uma dessas variações vai ocorrer de maneira diferente influenciada por aspectos distintos entre si, mas que são em parte os responsáveis por tais mudanças dentro do idioma, isso não ocorre somente no Brasil, mas em todos os países e como

resultado temos as variantes dentro do mesma unidade de fala, ressaltando que essas formas de variações são apenas um dos fatores para essas mudanças.

Dentre essas diferenças as de ordem geográficas são mais marcantes em termos da pronúncia e do vocabulário. Tais diferenças são mais acentuadas no modo de falar dos cariocas conhecidos pela maneira distinta de pronunciar o que na escrita vem grafado como a letra “s” no final das sílabas, por exemplo, o som chiado, já os nordestinos a fala é marcada pela abertura das vogais das sílabas pretônicas, e os gaúchos pela forma de pronunciar a entoação, “tia” por “tchia” esse mesmo variação vai ser registrada no falar do cearense que habitam a região de Fortaleza, caracterizado pela palatização dos alvéolos.

A regionalização corresponde as mudanças ocorridas no léxico de uma região para outra, de um país para outro, é o caso dos dialetos encontrados no mesmo idioma dentro do Brasil, onde existem maneiras diferentes de falar mesmo sendo um único idioma, como exemplo podemos citar a palavra “abóbora” que em algumas regiões é chamado de “jerimum”, mandioca, aipim e macaxeira são palavras usadas para designar a mesma espécie de raiz.

Dentro do processo de mudança o caso mais grave de variação ocorre não pela transformação natural da língua que se regionaliza e se adapta ao meio em que está sendo praticada, mas pelo grande abismo social e cultural existente no Brasil, fruto da má distribuição de renda. Isto provoca uma ruptura no processo natural das variações, e como resultado temos a reflexo no meio educacional, provocando o preconceito dentro das instituições educacionais, promovendo o desestímulo desses falantes que ao serem estigmatizados e muitas vezes excluídos do meio social, desistem de avançar nos estudos comprometendo ainda mais a situação precária da educação brasileira.

São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo lingüístico (sic) entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro — que são a maioria de nossa população — e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola. (BAGNO, 1999, p.16).

A língua é o bem mais valioso de uma sociedade, que faz parte de um idioma, que por sua vez é dividido em vários núcleos aos quais denominamos de dialetos ou variações que ocorrem dentro do idioma por vários fatores fruto do processo de

formação e do contato do idioma materno com os vindos de outros países. Para corroborar com a idéia, Bagno assegura que “toda língua, além de variar geograficamente, no espaço, também muda com o tempo.” (BAGNO, 2006, p. 22).

Assim é explicável o fato do português falado no Brasil possuir um vasto número de palavras que não são encontradas no português de Portugal, além disso o idioma falado lá possuem léxicos que variam o significado de um país para outro, um exemplo disso é a palavra “moça” falada no Brasil e que significa jovem mulher, enquanto em Portugal utiliza a palavra “rapariga”.

Essas diferenças muitas vezes torna a comunicação inviável, uma vez que os falantes do português brasileiro não conseguem entender muitas palavras pronunciadas pelos Portugueses.

Essas mudanças ocorrem por motivo das variações linguísticas dentro do nosso idioma e deve ser inserido no conteúdo programático de ensino de língua portuguesa nas escolas para que atendam às orientações contidas nos PCN, assim cabe a instituição avançar nesse processo encerrando de vez o modelo arcaico que rege o ensino desde sua fundação, modelo esse ultrapassado e que em vez de avançar o processo de formação social do cidadão, termina por torná-lo defasado e problemático.

Assim iremos abordar no próximo tópico a importância do ensino de variações linguísticas do idioma que está amparado dentro das formas legais através dos PCN que norteiam e servem de base para o ensino brasileiro.

4.2 O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PERSPECTIVA DOS PCN

Como já vimos o Brasil é um grande país, rico em diversidades e culturas, absorvidas através de sua história desde a colonização até os dias atuais, apresentando uma pluralidade única no mundo. Somos um país de muitos povos advindos de muitos países que não só somaram em quantidade de habitantes, mas trouxeram consigo toda uma cultura seja ela de forma material ou imaterial, neste sentido assimilamos também muitas palavras provenientes de italianos, franceses, espanhóis, japoneses e sobretudo africanos. Todos esses povos de diferentes

idiomas incorporaram no nosso idioma várias palavras constituindo assim um dos mais ricos idiomas em variedades lexical.

Com toda essa pluralidade o ensino das variações linguísticas da língua portuguesa nas escolas brasileiras tem se tornado um grande desafio para os educadores de língua materna, o fato é que o ensino de língua quase sempre foi baseado nas regras e normas gramaticais, ou seja, nos grandes compêndios feito com o intuito de classificar um modelo ideal de língua ou fala que diverge totalmente da prática real. Dissemos bem, modelo, que tem a função de adequar uma língua já existente de forma natural ao modelo que os gramáticos instituíram como regra básica para ser considerada uma língua culta, em outras palavras correta. Ora sabemos que todo indivíduo traz internalizado consigo a língua natural a qual chamamos de língua materna, essa língua está condicionada naturalmente a todo ser humano, que seja no Brasil, em Portugal ou qualquer outro lugar do mundo.

Diante dessa situação, ocorre nas escolas brasileiras grandes equívocos, e um dos mais graves é que o aluno não sabe falar seu próprio idioma, muitos sendo reprimidos pelos professores que ainda utilizam métodos tradicionalistas e ultrapassados. Esse grave problema com o ensino da língua portuguesa se agrava mais ainda, pois é imposto ao aluno regras e mais regras gramaticais. Assim a escola se torna um universo totalmente adverso do cotidiano do aluno, gerando um total desinteresse dos mesmos em compreender o ensino da própria língua, muitas vezes tornando-se algo frustrante, tanto para o aluno que ao chegar na escola se depara com algo totalmente diferente do que está acostumado dentro do seu modo de fala, como para o professor que baseia seu método de ensino na gramática tradicional, obedecendo às normas da instituição, com isso a escola em vez de avançar no processo formativo está colaborando para o fracasso de seus alunos nas aulas de língua portuguesa.

A fim de transformar o processo de ensino da língua portuguesa, existem os PCN, que norteiam e servem de base para uma melhor forma de ensino, seja ela em que área for, possibilitando ao professor abrir novos caminhos e horizontes para facilitar o processo de ensino e aprendizagem de forma mais dinâmica e prazerosa, quebrando a velha regra de que o ensino é algo fechado, rígido e disciplinar, quando na realidade dever se criar condições para que através da comunicação e diálogo de educadores e educandos ocorra naturalmente a construção do conhecimento de forma prazerosa e dinâmica.

A variação linguística não é um fato superficial, ela é real, está presente e internalizada em nossa maneira e modos de falar, de modo que a sua utilização no processo de ensino é assegurada de forma oficial presente nos PCN, documento que serve de base para o ensino nas instituições do Brasil. Desta forma se faz necessário a inserção da mesma dentro dos conteúdos programáticos para o ensino da língua portuguesa. Não se pode pensar em ensinar a língua sem utilizar as variações, neste caso ao ocultá-las as instituições estão mutilando o ensino de português, pois é necessário considerar a forma utilizada por todos os falantes de nossa língua, já que desconsiderá-la traz como resultado um ensino insuficiente que trará mais adiante consequência negativa na aprendizagem.

Ora, nós todos sabemos e conhecemos que a língua está condicionada ao ser humano e que desde seu nascimento já traz as características naturais dentro de si, e em seu processo de crescimento surge natural e espontâneo o modo de falar. Diante desse conhecimento a escola e o professor de língua portuguesa deve cumprir a missão de inserir nesses alunos os conhecimentos tanto gramaticais como linguísticos. Fazê-los compreender que a língua falada diverge da escrita, de modo que os mesmos possam compreender que a mesma deve ser adaptada dependendo do local em que se encontram de maneira que isso não cause frustração no discente a ponto de sair das aulas de português com a sensação que não sabe nada do seu próprio idioma e que fala tudo errado.

A nossa língua é a materna a qual trazemos internalizada, essa língua é a que ouvimos ser pronunciada pelos nossos pais, e pelos falantes do português brasileiro, assim sugere que o Brasil tem de fato duas línguas, a escrita correspondente ao português, e a materna a qual chama de vernáculo esta última a praticada pela maioria dos brasileiros. Deste modo, o português não padrão, coloquial e/ou vernáculo se usa em geral na fala informal, já o português padrão é usado na escrita formal [...] o certo é escrever português e falar vernáculo; não pode haver inversão. (PERINI, 2001, p. 36).

Ainda sobre isso, os PCN (1998), colocam que a questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, analisando a quem e por que se diz determinada coisa. É conhecer, portanto, quais

variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é o de correção da forma, mas de adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido.

Em relação ao ensino da língua portuguesa os PCN abordam essa necessidade de aceitabilidade de como o indivíduo faz uso da língua, os mesmos apresentam pontos que irão nortear o processo de ensino aprendizagem, levando em consideração o modo como cada falante usa a língua, pelo fato de trazermos internalizada nossa maneira de falar a qual, chamamos de língua materna, e que essa língua é espontânea e praticada diariamente. A escola deve utilizar a gramática no processo de ensino, porém, os PCN são claros nesse ponto onde o que deve ser priorizado não é se o aluno fala certo ou errado a língua, mas o papel primordial da escola é torná-lo cidadão, conhecedor de que existem locais e formas de usar a mesma língua de maneira diferente sem traumatizá-lo, e não apenas considerar o modo como cada um fala como certo ou errado.

Portanto, não existe como já mencionado anteriormente uma língua uniforme, pura usando o termo num sentido mais radical, existem variações da língua, mudanças de um lugar para outro, dentro do mesmo idioma, casos das regionalizações influenciados por vários fatores sociais, geográficos e culturais, e que todas essas variantes dentro de um mesmo idioma são naturais, fazendo parte de um mesmo sistema, e nenhuma regra artificial surgida para moldá-la irá fazer essa uniformidade ocorrer.

A língua é, portanto vista em dois aspectos distintos, o primeiro aspecto é a língua natural, praticada espontaneamente por todo falante. Essa por ser natural é a que prevalece sendo utilizada no dia a dia, ora ninguém ver uma criança ao iniciar seus primeiros bocejos pronunciando as palavras obedecendo ao conjunto de regras artificiais que vêm dos manuais de gramática, nem fazendo frases que façam a concordância entre classes de palavras, nem mesmos os gramáticos utilizam dessas regras a todo instante. Isso ocorre justamente porque o processo de fala já vem internalizado, e ocorre de forma espontânea e natural sem ser necessário ensinar ao falante um conjunto de normas para depois iniciar o processo de fala e comunicação.

O segundo aspecto da língua é a artificial, presente nos primeiros manuais de gramáticas escritas ainda em Portugal: “Grammatica da Linguagem Portuguesa de Fernão Dias (1536) e posteriormente Gramática da Língua Portuguesa de João de Barros (1540)” (ASSIS, 2014, p.137), criadas para obter uma língua literária, ou seja, culta, perfeita e sem erros. Essa língua idealizada, está presente no conjunto de regras gramaticais que nem mesmos os próprios idealizadores a utilizam, sendo esse modelo adotado para o processo de ensino nas escolas, daí o grave erro, como moldar? mudar algo que é natural? que o ser humano traz internalizado dentro de si? Ora, a gramática, na visão de Bagno (1999), ela é estanque, rígida imutável, totalmente adverso a isso é a língua falada, pois a fala é maleável, multável e se transforma com o tempo, de forma que nenhuma regra irá detê-la. Quanto a isso, o autor menciona o quanto é importante: “Não confundir erro de português (que afinal, não existe) com simples erro de ortografia. A ortografia é artificial, ao contrário da língua, que é natural.” (BAGNO, 1999, p. 143).

Hoje podemos afirmar que possuímos um idioma próprio, com regras e normas que regem o português brasileiro, somos mais de 200 milhões de falantes dessa variedade de língua que pertence ao idioma português, sendo considerado o país com maior número de falantes do citado idioma. Com toda essa diversidade não é de se estranhar que possuímos uma grande diferença dentro do idioma falado no Brasil, assim como ocorreu em Portugal, aqui no Brasil existe uma grande variação linguística, sobretudo regionalizada, falada de diferentes formas de uma região para outra, somos muitos dialetos dentro de uma mesma língua.

A situação se agrava ainda mais quando se trata das diferenças sociais de um mesmo povo em relação ao seu próprio idioma. Segundo Taysser (1994, p. 79 apud ASSIS, 2014, p. 149) “as diferenças na maneira de falar são maiores num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra.”

Com isso ocorre outro grave erro dentro do português ensinado nas escolas brasileiras, pois o ensino ainda em muitas escolas é baseado nas gramáticas que criou um padrão a ser seguido, padrão esse que está de acordo com o português vindo de Portugal, enquanto na verdade a nossa língua materna é totalmente diferente fazendo com que o português seja visto como uma língua difícil de praticá-

la. A escola não deve utilizar a Gramática como único meio de ensino, e sim como um dos objetos usados para a aprendizagem da língua.

Outro grave problema é o preconceito linguístico existente dentro da própria comunidade de falantes, quando determinados grupos julgam o modo de falar de outras regiões como praticado de forma errônea. Isso causa frustrações chegando a extremos de separação dentro da sociedade, estigmatizando certos grupos de falantes, cabendo à escola o dever de desfazer e desmistificar esse tipo de preconceito social arraigado no meio social e trazido para dentro das escolas brasileiras.

Segundo Cagliari (2001), são fatos dessa natureza que demonstram que não se pode pensar no uso de uma língua em termos de “certo” e “errado” e em variação regional “melhor” ou “pior” “bonita” ou “feia”. No ensino da língua escrita, no entanto, devemos procurar eliminar as marcas identificadoras de cada grupo social, a fim de atingir um padrão supranacional.

A variação ela é algo real, não se pode ignorá-la fazendo de conta que a mesma não existe, e portanto, cabe ao professor trabalhá-la de maneira construtiva desmistificando os velhos mitos de língua errada.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em: “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua (PCN, 1998).

Todo falante conhece sua língua, e isso é um fato indiscutível, tentar impor um conjunto de normas é tentar alterar a ordem natural das coisas é como desviar o leito de um rio, mesmo isso ocorrendo internamente vai está enraizado a forma de como esse rio era antes, assim ocorre com a língua, por mais que imponha regras e normas tentando neutralizar a forma espontânea e natural da fala o resultado será como o do rio, sempre estará interno dentro de falante o modo natural de como ele falava, ninguém detém as águas de rio, assim também regra nenhuma detém as mudanças da língua. Diante disso cabe a instituição de ensino, condicionar o estudo de língua no seu aspecto de uso, ou seja, ensinar ao aluno que a língua varia e é

mutável, porém existem normas e regras que devem ser seguidas quando a praticamos na forma escrita e que na oralidade devemos adaptar a nossa fala de acordo com a situação em que estamos inseridos.

“Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua, no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela” (BAGNO, 1999, p. 35).

A fragilidade do ensino de língua portuguesa no que se refere ao ensino com variações é real, assim como está arraigado nas instituições o método de ensino mecânico através da gramática tradicional, isso faz com que o estudo limite-se as regras superficiais tornando um ensino fragilizado e falho.

Diante do exposto é sugerido como alternativa de trabalhar as variações linguísticas a utilização dos gêneros textuais, onde os mesmos possibilitam trabalhar as varias formas em que ocorrem essas variações, seja de forma regionalizada, social ou cultural.

Uma das formas de trabalhar as variações linguísticas é a utilização de cordéis, que trazem na sua estrutura lexical a fala regionalizada que é predominante na região nordeste, através destes cordéis podemos conhecer e ver quanto o nosso léxico é rico em palavras, ao mesmo tempo pode-se trabalhar uma poesia escrita. Por exemplo, na região sul tem-se palavras diferentes da nossa região, rancho significa compras feitas no mercado, o que nós conhecemos como feira, e assim vai mostrando como é diverso a nossa língua. Isso pode ser feito com músicas onde se trabalha a forma escrita e a forma oral através do léxico, outros gêneros como jornais e artigos onde veremos a forma culta seguindo as normas gramaticais, cartas, poemas, entre outros que irá permitir o professor trabalhar as variações existentes entre o português padrão da gramática normativa e o português materno que é o praticado e colocado em uso diariamente.

Assim o falante do idioma irá compreender de forma gradual que a língua é variável e devemos adaptá-la para contextos diferentes, além de obter o conhecimento de que esta mesma língua varia da forma oral para a forma escrita.

O papel fundamental da instituição é passar conhecimento, é trabalhar as variações de forma a proporcionar condições de desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem de forma mais dinâmica, formando indivíduos para conviverem socialmente com as diferenças em seu meio social, sendo importante o

conhecimento histórico de como ocorreu essas modificações lexicais ao longo do processo de formação do nosso idioma.

Mesmo as variações sendo uma realidade, oficializada nos documentos da educação, a realidade é que estamos longe de atingir as propostas sugeridas nos PCN. O ensino deve dar ênfase aos gêneros textuais, pois os mesmos possibilitam trabalhar a língua sobre vários aspectos linguísticos e gramaticais que condizem com a realidade dos alunos, assim o processo de aprendizagem irá englobar as mais variadas formas de comunicação seja oral ou verbal abrindo espaço para uma aula mais dinâmica e participativa.

Não se pode restringir o ensino ao método tradicional do início do século, onde a escola dita as regras do que é certo é errado ou ainda terem instituições que tem a visão errônea de que as mesmas tem a função de ensinar aos seus alunos como escrever e falar certo, pois isso caracteriza-se em dizer que os indivíduos que vão até a escola estão indo para aprender a língua, quando na verdade eles já o sabem. O papel da escola é trabalhar em conjunto gramática e linguística, agindo como o meio de fazê-los compreender e adaptar o uso da língua oral e escrita.

Diante desse fato podemos afirmar que a língua em seu estado de fala apresenta-se em duas formas; a língua abstrata e a língua concreta, a abstrata corresponde à língua presente nos compêndios de gramáticas criados com regras e normas a fim de idealizar um estado de fala culto, puro e correto do ponto de vista teórico.

A língua concreta é a fala em seu estado de prática, usada para comunicar-se pelo povo no cotidiano, essa é a que realmente prevalece, pois é a natural, que todo pessoa traz internalizada dentro de si, a chamada língua materna.

Para o ensino que atenda as novas diretrizes presentes nos PCN, é orientado que as instituições trabalhem as variações da língua e não priorize apenas a gramática no processo de formação dos alunos, uma das sugestões é trabalhar com os gêneros textuais, pois os mesmos trazem orientações que irão permitir o professor de língua portuguesa trabalhar em todas as esferas do ensino seja a linguagem verbal e a não verbal, com isso o aluno se sentirá motivado a compreender as duas modalidades do idioma, ou seja, a oral e a escrita, além de trabalhar com a diversidade lingüística, a mesma que muitos falam no cotidiano, assim não estarão com a sensação de estarem perdidos a ponto de não conhecerem a sua própria língua.

Enfim, estes gêneros textuais permitem ao educador várias formas de trabalhar as variedades da língua, permitindo que essa variedade seja trabalhada na sala de aula de maneira mais dinâmica, capaz de despertá-los para que participem das discussões e possam ser protagonistas ativo da construção do seu próprio conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das mudanças históricas e diferenças dentro do mesmo idioma, ocasionado pelas variações linguísticas durante o processo evolutivo de uma língua, o professor de língua materna tem o grande desafio de transformar o ensino nas escolas brasileiras, onde, muitas vezes, utilizam a gramática normativa como única forma correta de ensino da língua, sendo que a fala apresenta naturalmente variantes, de modo que, cabe ao docente a tarefa de conscientizar os educandos que existem dentro da língua, normas e regras que devem ser seguidas no processo de comunicação. Isso vai depender do meio em que os mesmos se encontram, mas que o modo como cada falante a pratica está ligado também ao processo histórico, pois não existe apenas a forma normativa no uso da língua.

Assim é orientado que o ensino de língua portuguesa insira os gêneros textuais como forma de trabalhar as variações linguísticas presentes no nosso idioma, visto que o léxico está sempre em transformação, surgindo novas palavras que passam a fazer parte da nossa língua. Quando de fato isso acontecer teremos um ensino mais eficiente, atendendo assim as orientações presentes nos PCN.

O estudo das variações de um idioma é algo complexo o que se sucedeu na história da língua é apenas uma parte desse imenso “iceberg” chamado variações linguísticas, é necessário que continuemos as pesquisas a fim de conhecer e entender melhor o processo de variação do léxico, o estudo permanece aberto, sujeito a mudanças e a novas concepções acerca do tema abordado.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Cristina. (Org.). **O português brasileiro**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

A variação linguística no ensino de língua portuguesa. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/590/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é? Como se faz**. 49. ed. São Paulo: Edição Loyola, 1999.

_____. **A língua de Eulália: Novela sociolinguística**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: **Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Reflexões sobre as aulas de língua portuguesa a partir da experiência do estágio curricular supervisionado. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/download/124/106>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

Variação Linguística e Ensino. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118025/alvite_jl_tcc_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 jul. 2018.